

Educar na realidade da amizade

Jean-Christophe Merle

Como citar: MERLE, Jean-Christophe. Educar na realidade da amizade. *In:* PAGNI, Pedro Angelo; BUENO, Sinésio Ferraz; GELAMO, Rodrigo Pelloso (org.). **Biopolítica, arte de viver e educação.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 251-266.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-274-1.p251-266>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CAPÍTULO 13

EDUCAR NA REALIDADE DA AMIZADE¹

Jean-Christophe Merle

A NECESSIDADE DE UM ENSINO DA AMIZADE E DO AMOR

Podemos fazer a experiência de ser objeto de amor desde o nosso nascimento, sob a forma de amor dos pais por seu filho, que é radicalmente desigual e não podemos fazer a experiência de outras formas de amor como esta, pois o lactante é totalmente dependente de seus pais. Não podemos tampouco fazer a experiência da amizade desde essa idade, pois, segundo os pedagogos (ver, por exemplo, MEYER; TETZER; RENSCH, 2009, notadamente THIERSCH, H.; THIERSCH, R., 2009; GAUS; UHLE, 2009), o sentido da amizade aparece apenas gradualmente: de uma “amizade como interação física momentânea” (3-7 anos), a uma “amizade como ajuda unilateral” (4-9 anos), a uma “amizade de cooperação unicamente em condições favoráveis” (6-12 anos), depois a uma “amizade como troca íntima

¹ Tradução Alonso Bezerra Carvalho e Larissa Maria Felipe Sobrinho.

e recíproca” (9-15 anos) e, finalmente, a uma “amizade como autonomia e interdependência” (a partir dos 12 anos). Da amizade e do amor, em toda sua extensão, não fazemos a experiência progressiva senão a partir da adolescência, e esta experiência nos ensina que eles podem nos trazer tanto grandes alegrias como grandes sofrimentos. Enquanto objetos de ensino, o amor e a amizade têm lugar no curso de filosofia, pelo menos onde a filosofia faz parte do programa do ensino secundário (o curso de educação sexual, quando existe, não diz respeito ao amor, mas à sexualidade).

Ora, esses cursos de filosofia ensinam muitas vezes apenas algumas concepções clássicas da amizade e do amor, como as de Platão e de Aristóteles, mas não distinguindo as diferentes concepções, controversas, de amor e de amizade, nem examinando os perigos e toda a gama de opções oferecidas pelas diferentes formas de amor e de amizade possíveis, comparando as suas vantagens e seus inconvenientes, e observando seu processo. Ora, essa experiência tanto é formadora para o adolescente e para o seu processo de maturação, quanto pode perturbar seu aprendizado de outras interações sociais, mais complexas e abstratas, tais como aquelas que são do domínio da sociologia, da política, da economia, da teoria da escolha racional etc. Se, no processo que se origina nas relações de tipo paternalista, que combinam submissão e confiança, em direção a relações complexas e abstratas, as relações de amizade e de amor não proporcionam uma estrutura de confiança e de benevolência e, assim, o indivíduo não é capaz de enfrentar as relações de concorrência, as instrumentais, as de autoridade, a exclusão social etc. Isso contribui, portanto, para uma sociedade atomizada, na qual a autonomia individual não pode realmente se desenvolver.

Antes de expor o ensino filosófico do amor e da amizade em que eu acredito, convém evitar um mal entendido. Ao apresentar os perigos e as possibilidades frutíferas do amor e da amizade, bem como as diferentes concepções relativas a ambos, devo adotar uma posição paternalista? Devemos distinguir duas espécies de paternalismo (sobre o paternalismo e seus diferentes tipos, ver FEINBERG, 1986, cap. 17). O paternalismo positivo afirma que é permitido, para o bem da pessoa, lhe impor um modo de vida, obrigações e interdições com as quais ela não consentiu e que ultrapassa as exigências da simples coexistência dos indivíduos livres

e iguais nas relações jurídicas. Este primeiro paternalismo, positivo, é excluído no que concerne ao amor e à amizade, porque, contrariamente às escolhas de convivências do adolescente, nem o amor nem a amizade podem ser obtidos pela coação. Ou seja, os pais não podem obrigar que seus filhos sejam amigos ou amem essa ou aquela pessoa. Um segundo paternalismo, negativo, tem como pretensão proibir os indivíduos de aceitar livremente as relações que são, ao mesmo tempo, contrárias à felicidade e das quais é impossível sair. Um exemplo típico do paternalismo negativo reside na proibição da escravidão voluntária, que não impede, entretanto, nem uma constante submissão voluntária masoquista a uma senhora dominadora, nem de se prejudicar, tanto no sentido próprio como no sentido psicológico, para responder aos pedidos sempre crescentes e abusivos de um amigo dispendioso que insistiria em nos humilhar, mesmo que seja permitido sair dessa relação. Em compensação, durante o período de menoridade do adolescente, esse tipo de relação também pode ser proibida ao indivíduo, no início de maneira absoluta, depois, a partir de uma certa idade, com discrição por parte de seus pais.

Ora, para os adultos, o paternalismo negativo inclui igualmente a informação adequada. Assim, em *On liberty* (2011]), John Stuart Mill não restringe somente a limitação da liberdade individual ao princípio do não-dano (cap. IV), mas ele começa igualmente a defender a liberdade de opinião (cap. II), necessária ao debate público, sem o qual nem a liberdade e a felicidade, tanto individuais como coletivas, nem seu progresso, seriam possíveis, e cuja falta permite a tirania da maioria.

Por que, poderia se dizer, não deixar o cuidado desses debates aos adolescentes, que devem fazer eles mesmos “a experiência da vida” e “a educação sentimental”, que não se ensina teoricamente? Eu vejo pelo menos duas razões para não fazê-lo. *Primeiramente*, nós não deixamos os adolescentes descobrirem eles mesmos o que Galileu, Newton, Einstein, Pasteur, Heisenberg, Smith, Weber, Durkheim etc. nos ensinaram, mas todos esses autores são objeto de um ensino, não somente por gozarmos dos frutos de seu conhecimento, mas também por não voltarmos a partir do zero a cada geração. *Em segundo lugar*, o amor e a amizade são, para os adultos também, objeto de numerosos erros e confusões para o assunto do conceito da amizade, os quais conferem um caráter absoluto às prescrições

normativas que deveriam, no entanto, ser submetidas ao nosso exame crítico. Expor o que é o conceito de amizade e de amor, distinguindo concepções controversas de amor e de amizade, não tem, por conseguinte, um interesse puramente teórico, mas também prático.

Convém agora dissipar um outro possível mal entendido. Minha proposta não destaca em primeiro lugar a filosofia moral, da qual eu empresto aqui somente o princípio do consentimento esclarecido e constantemente revisado. Mas eu não pretendo reduzir a moral a uma filosofia dos sentimentos. “O antiteórico moral” Bernard Williams, retomado por Harry Frankfurt, no seu ensaio sobre a amizade (cf. WILLIAMS, 1981, p. 18; FRANKFURT, 2004, p. 33), sustenta a opinião segundo a qual, quando a esposa de um indivíduo (que Williams supõe ser objeto de um amor verdadeiro da parte de seu esposo) e um desconhecido estão se afogando simultaneamente, e tal indivíduo pode socorrer somente um dos dois, (1) o indivíduo socorre sua esposa e não o desconhecido, e não somente (2) o indivíduo age desse modo sem levar em consideração qualquer princípio moral universal, como ainda (3) essa motivação amorosa é fonte de normatividade, ou seja, de obrigações morais. O exemplo de Williams não é, pois, convincente, porque faltam indicações precisas relativas às duas pessoas se afogando, de sorte que a escolha é moralmente indiferente. Se acrescentarmos à situação algumas características, como, por exemplo, que o desconhecido não é bem um desconhecido, mas na verdade alguém que é portador de pesquisas científicas que trazem resultados que permitirão curar uma doença particularmente grave e muito disseminada, a moral manda que se salve este desconhecido (ver CÍCERO, *De Officiis*, III, 31). A emoção e a moral podem muitas vezes oferecer motivos para agir em sentido oposto, entre os quais o indivíduo deve escolher. A seguir, minha perspectiva será aquela da autonomia pessoal e do respeito de si que requerem uma relativa igualdade de estatuto nas relações emocionais, as quais não pertencem às obrigações morais, de sorte que abordarei os perigos da amizade e do amor em relação aos objetivos e propósitos das pessoas envolvidas. Entre esses perigos, contamos particularmente com o perigo para os adolescentes de confundir ou de misturar amizade e amor.

OS ELEMENTOS CONCEITUAIS DA AMIZADE E DO AMOR

Por conceito da amizade e do amor eu compreendo os elementos que pertencem necessariamente à amizade e ao amor, do ponto de vista descritivo; por sua vez, as diversas concepções de amizade e de amor tratam do que deve ser respectivamente a amizade e o amor, do ponto de vista prescritivo (sobre a diferença entre o conceito e a concepção em geral, ver HART, 1961, p. 155-159; RAWLS, 1971, p. 5). Isso significa que o conceito de amizade e de amor deve corresponder a todas as formas de amor e de amizade, e não excluir algumas em razão de seu caráter imperfeito, incompleto ou impuro, enquanto as concepções de amizade e de amor o podem.

Amizade e amor partilham alguns elementos conceituais, ao passo que outros elementos conceituais os separam.

Entre seus elementos conceituais comuns, encontramos pelo menos os dez seguintes:

(1) O amor e a amizade não consistem exclusivamente em um sentimento ou numa atitude para com outrem, mas em um *processo de coordenação benévola*, que tem uma gênese, se desenvolve e eventualmente se torna perecível por meio de transformações que um dia chegam ao fim, seja pelo fim da amizade ou do amor, por exemplo, pela decepção, seja no mais tardar pela morte do amigo ou do ser amado, que eterniza para sempre esse processo de desenvolvimento.

(2) O amor e a amizade não se constituem em vista da descoberta e do *conhecimento de si mesmo e do próximo*, mas tais descobertas contribuem para isso.

(3) O amor e a amizade necessitam de uma certa *discursividade* para se desenvolver, de um diálogo entre os que eles unem, mesmo se eles incluem muitas vezes um desejo irrefletido, sobretudo no caso do amor. Esse diálogo inclui também tensões.

(4) O amor e a amizade, seja se fundamentando, seja se originando de *uma determinada identidade*, de projeto (no caso do amor), de gosto ou de juízo (no caso da amizade), presumida ou desejada, não conduz *jámais* a *uma união em uma identidade comum*, até mesmo

perfeita, a não ser em simples aspirações que se descobrem na tensão da individualidade de cada ser.

(5) O amor e a amizade proporcionam, assim, uma certa *confiança e uma previsibilidade do comportamento* do amigo ou do ser amado e

(6) eles contribuem para nossa interpretação do mundo e para a orientação de nossa vida.

(7) Ambos, a amizade e o amor, estão ligados, em nossa época, embora de maneira diferente, a *um certo grau de intimidade, de abertura, de vulnerabilidade e de igualdade*, muitas vezes em tensão com a autonomia individual.

(8) Não apenas o amor, mas também a amizade, tem não somente um objeto real, mas também um *objeto formal*, isto é, que possui algumas características, mesmo que sejam raras e definidas com maior ou menor precisão. Quando Montaigne dá como razão de sua amizade muito estreita “porque era ele, porque era eu” (MONTAIGNE, *Essays*, livro I, cap. XXVII), essa razão não substitui uma explicação, a qual está bem apresentada na passagem que precede e enumera todos os traços de caráter de seu amigo. Que o amor tem sempre um objeto formal parece uma afirmação surpreendente que se opõe – somente em aparência – a uma interpretação literal do andrógono de Aristófanes, relatado em *O Banquete* de Platão (2011), no qual as metades separadas uma da outra buscam a metade faltante. De fato, se o amor não tivesse um objeto formal, o objeto amado seria paradoxalmente não especificado, até mesmo único, mas indiferenciado e então completamente intercambiável, o que ele jamais é. Se o único fato da existência de uma história comum com o ser amado, sem consideração de suas características, era suficiente para explicar a atração a um objeto real, sem referência a um objeto formal, nenhuma mudança de comportamento do ser amado nem do amante poderia colocar fim à relação amorosa, nem mesmo interrompê-la, o que ninguém jamais afirmava.

(9) De todos os elementos precedentes decorre a importância maior para o indivíduo a *perda* do amigo ou do ser amado (ver BLANCHOT, 1971, cap. XXIX; BAIER, 2005).

(10) A *falta* muitas vezes associada ao amor (o desejo amoroso aspira preencher a uma falta) é um *sentimento* necessariamente ligado à

ausência de toda relação de amor, *mas não o que motiva necessariamente a atingir uma relação amorosa particular*. Na verdade, a falta ligada a um ser particular reside no efeito da perda sempre possível do ser amado, e o mesmo também vale para a amizade.

AS CONCEPÇÕES ABSOLUTIZANTES DE AMIZADE E DE AMOR

Ao contrário, não somente as concepções de amizade e de amor não pertencem a esses elementos conceituais, mas algumas dessas concepções realmente contradizem tais elementos conceituais, e o adolescente está numa idade particularmente suscetível de adesão a essas concepções. Vejamos alguns exemplos de concepções absolutizantes:

(1) *A união perfeita* (no caso da amizade) ou *a fusão* (no caso do amor) entre dois seres, que os levaria a tornar-se, senão apenas a ser um ou a ter a mesma identidade. Essa tese é falsa. Na verdade, se algumas alegrias e algumas dores podem ser partilhadas, outras não podem. Quando um amigo ou um amante tem um braço amputado, não sentimos o mesmo sofrimento nem mudamos o nosso comportamento da mesma maneira que o amputado. Enfim, a relação de amizade ou de amor não engloba a totalidade das esferas da atividade, do pensamento e do sentimento presentes em cada indivíduo, que são nossos amantes e amigos.

(2) *A exclusividade* da relação de amor ou de amizade. Vários autores, desde Aristóteles e Cícero, pensam que a amizade só pode existir entre um número reduzido de pessoas, e alguns limitam esse número a dois. Essa tese é falsa, pois podemos amar a humanidade em geral, como defende Kant ou praticava Gandhi e Madre Teresa de Calcutá.

(3) *A perpetuidade* ou *a promessa de perpetuidade* da relação. Nem um nem outro é necessário para a existência de uma relação de amizade ou de amor. Na amizade, como no amor, pode-se fixar essas concepções como ideal ou como norma, mas a ausência de união perfeita, de exclusividade, de perpetuidade ou de promessa de perpetuidade não significa que não se trate nem de amor nem de amizade.

(4) *A redução* da relação de amor e de amizade a um *sentimento*, em vez de um processo de coordenação de sentimentos entre duas pessoas.

Essas concepções de amizade têm em comum *absolutizar* a relação de amizade ou de amor, quanto ao seu entendimento e à sua intensidade, quanto ao número de parceiros e quanto ao tempo. Essa lista não é exaustiva.

(5.1) Às vezes, essa absolutização não se contenta em afirmar que o amor e a amizade não somente são conceptualmente possíveis *sem reciprocidade*, o que é verdade: eu posso me comportar como amigo de alguém que se comporta como meu inimigo, e os eternos “apaixonados sem correspondências”, que são desdenhados pelo objeto de seu amor, existem realmente. Tal absolutização pode chegar até a afirmar que o amor e a amizade, por serem verdadeiramente amor e amizade, *devem necessariamente* existir e perseverar *apesar* dessa ausência de reciprocidade e *apesar* do caráter desejável da reciprocidade.

(5.2) A absolutização pode muito bem afirmar *o inverso*, isto é, que o amor e a amizade são *necessariamente recíprocos*.

A primeira posição (5.1) absolutiza a exigência em direção a si-mesmo, enquanto a segunda absolutiza a exigência para com outrem, cada um tendo na verdade somente um valor limitado. De um lado, uma excelente amizade e um amor profundo deixarão mais possibilidades ao amigo ou ao amante de fazer o necessário para se reconciliar e retomar a relação amorosa ou amigável. De outro lado, a reciprocidade contribui muitas vezes para a perenidade da relação. Entretanto, trata-se apenas de correlações estatísticas e de circunstâncias favoráveis, não de leis gerais.

Constatar a divergência entre as concepções normativas de amizade e de amor e o amor e a amizade reais não é uma trivialidade, pois essa divergência é muitas vezes mal interpretada, isto é, compreendida como a diferença entre um conceito pretendido e um comportamento geral que pode aspirar ao amor e à amizade, mas que não é atingindo jamais. Ora, um consenso reina sobre nossa necessidade de relações de amizade e de amor por uma vida feliz. Se o conceito pretendido é verdadeiro, e nosso comportamento não se conforma a ele, resulta disso então a necessidade de que a realidade de nosso comportamento em matéria de amor e de amizade nos torne infelizes, por nossa culpa. De fato, pululam tais lamentações na tradição filosófica. Pensadores, como Montaigne

(*Essays*, livro I, cap. XXVII), retomaram a proposta de Aristóteles mal retransmitida por Diógenes Laércio: “[...] *ô philoi, oudeis philos*” (“meus amigos, não há amigos”) (DERRIDA, 1994, cap. 1). Ao contrário, se somente as concepções, e não o conceito de amizade e de amor, são difíceis de serem cumpridas, a amizade e o amor podem muitas vezes nos tornar felizes, mas pressupõem igualmente perigos, dois pontos que confirmam uma abordagem descritiva, a qual contém uma importância prática paradoxalmente muito maior que a abordagem tradicional.

AS DIFERENÇAS CONCEITUAIS ENTRE A AMIZADE E O AMOR

Na falta de pontos de comparação, os adolescentes estão particularmente inclinados e propensos à absolutização em qualquer uma dessas variantes. No entanto, além das possibilidades e perigos que compartilha com a amizade, o amor tem riscos próprios, que afetam não só o amor-*eros*, mas o amor-*ágape* e o cuidado (*care*) simples, por exemplo, o amor ao próximo, que é mais próximo da *philia* (ver KREBS, 2009, p. 739).

Entre os elementos conceituais do amor que divergem dos elementos conceituais da amizade, podemos incluir os seguintes:

(11) as pessoas que se amam compartilham uma comunidade de projeto, importante e até mesmo central para eles, ao passo que os amigos não compartilham necessariamente qualquer projeto comum, mas uma comunidade de juízo e de gosto. As pessoas que se amam desenvolvem uma certa dependência mútua, de esperança, de atenção, de intenções e de prazer. O resultado, como bem observou Max Scheler, é que os amantes não sentem somente empatia (*Einfühlung*) ou compaixão (*Mitgefühl*), mas também sentimentos comuns (*Miteinanderfühlen*) (cf. SCHELER, 1973, p. 23-24).

(12) Enquanto a amizade não pode começar sem que se sinta uma certa estima pelo amigo, que posteriormente pode se desenvolver ou se ver decepcionado; ao contrário, o valor colocado no ser amado não está em primeiro lugar na relação amorosa, como afirmou a teoria (*bestowal theory*) de Harry Frankfurt (1999), contra as teorias de avaliação de amor (*appraisal theory*) de Roberto Solomon; é antes o sentimento de amor que confere valor ao ser amado e se reveste, portanto, de um caráter performativo.

Esses dois elementos conceituais específicos para o amor decorrem ainda de outros elementos conceituais.

Da comunidade de projetos resultam características do amor que contêm, ao mesmo tempo, um potencial de possibilidades superior em relação àquele da amizade e os perigos e os sofrimentos maiores.

(13) Uma revelação do nosso ser ao ser amado é maior do que a um amigo – ou seja, há uma maior intimidade –

(14) e há uma maior exclusividade de benevolência em relação ao amor, de maneira que, numa situação de concorrência entre o ser amado e um amigo, ficamos do lado do ser amado, mesmo se estimamos mais o amigo. Disso advém igualmente que uma amizade é muito mais facilmente compatível com um outro amigo do que o amor com outro amor.

(15) Como ressalta Annette Baier, no amor, ao contrário da amizade, pode-se rir dos defeitos da pessoa amada, sem que isso afete a sua relação, mas desde que seja com humor, e não com ironia (ver BAIER, 2005).

(16) O amante considera geralmente o ser amado como a sua “melhor metade”, enquanto a amizade requer uma igualdade de estima.

Visto que a estima deriva do amor e constitui uma razão para se iniciar a amizade, resultam também consequências importantes.

(17) Se uma amizade pode sobreviver à morte do amigo, pois fica eternizada nas relações que foram construídas no passado (ver BLANCHOT, 1971, cap. XXIX), ela não pode sobreviver a uma ruptura, embora amizades possam algumas vezes existir unilateralmente, desde que os dois indivíduos estejam em contato um com o outro. Ao contrário, o sentimento de amor *pode sobreviver à ruptura, e pode existir por alguém que jamais conhecemos pessoalmente*. Os casos de pessoas que continuam a amar aquele ou aquela que os deixaram, ainda quando o rompimento foi odioso, são comuns, assim como a existência daqueles que são “atravessados por sentimentos amorosos” e o ser amado não corresponde é bem real.

(18) Ao contrário do nascimento da amizade, *o nascimento do sentimento de amor é incontrolável*, embora o estabelecimento da relação e a sua continuidade seja controlável pela vontade. O amor constitui uma motivação para o agir, mas desde que não seja a única.

(19) É possível *sentir amor por alguém que não merece* (tal é, por exemplo, o caso de amor que Swann devota a Odette de Crécy, no livro *Em busca do tempo perdido*, de Proust, [2006]), ou que tenha um comportamento, gosto, opiniões etc. *de que discordamos, algumas vezes de maneira muito forte*. Se sentirmos vergonha e tentarmos dissimular ou esconder esse sentimento de amor, pode se tratar de um verdadeiro amor ou um ponto de partida de um relacionamento romântico, ou até mesmo uma fonte de sofrimento. Temos exemplos em Proust.

(20) A igualdade necessária ao amor é bem menor que aquela necessária à amizade. O modelo de amor filial, do amor em direção a Deus, até mesmo o amor pelo belo ou pela perfeição é um modelo de desigualdade e submissão radicais. Decerto que, entre os seres humanos, o amor não pode ser de tal maneira, e os direitos do homem, por exemplo, proíbem algumas formas extremas de submissão, tal como aquela que exigiria a aceitação de sua própria morte, de sua mutilação, de sua redução a escravo, da tortura etc. Sobretudo, a continuação da relação amorosa repousa e se funda sobre o consentimento mútuo. Isso garante uma igualdade mínima, que é, entretanto, bem menos exigente que na amizade, e que não impede tratamentos que podemos considerar como imorais e moralmente degradantes.

(21) O amor é sempre descrito como um sentimento em que a intensidade é mais forte no início e quando surgem eventos dramáticos, reais ou virtuais, por exemplo, o risco da separação causada por eventos exteriores, ou ainda o ciúme. Ao contrário, a intensidade da amizade aumenta, após o começo da relação de amizade. Contrariamente ao mito exposto na tese clássica de *L'amour et l'Occident*, de Denis de Rougemont (1972), não existe entre os seres humanos uma divisão estanque das relações amorosas em amor-*eros* e amor-*ágape*, *eros* combinando intensidade e vontade de morte, enfim, infelicidade, e amor-*ágape* combinando a vontade de repouso e a vontade do nada, desprovido de força vital. O mito, do qual trata Rougemont, aborda o amor como se ele se reduzisse ao primeiro sentimento que nos move a iniciar o processo, que é a relação amorosa. Ora, esse processo mistura o *eros* e o *ágape* em proporções variáveis segundo as fases desse processo, e o *eros* e o *ágape* não são, para o processo, como totalidade nem vontade de morte, nem vontade de nada.

O mito expõe dois perigos do amor que não correspondem, em aparência, à realidade da relação amorosa, e que se opõem em aparência entre eles (dois traços característicos do mito, conforme Lévy-Strauss), ao passo que eles exprimem, na verdade, uma mesma ordem.

Os fatores que eu tenho apresentado permitem explicá-los facilmente. Eles tornam o amor ao mesmo tempo *mais propício à absolutização* do que a amizade e *menos propício que ela à coordenação dos sentimentos, tanto entre várias pessoas quanto no interior de uma mesma pessoa*, de tal maneira que a visão corrente tende a considerar que, nos velhos casais, o amor toma muitas vezes o lugar da amizade. A visão corrente tem certamente erros, pois permanece, por exemplo, uma intimidade maior que na amizade. Entretanto, o amor é muitas vezes percebido como uma força poderosa e potencialmente desestabilizadora, até mesmo revolucionária, como acreditaram autores tão diferentes como Charles Fourier (1818), que inventou os falanstérios, e André Breton (1937), que fez do *amor-louco* o coração da revolução surrealista. Ele é também pensado como uma força efêmera, que promete a eternidade, enquanto a amizade é concebida ao mesmo tempo como perene e consciente das fraquezas humanas. No *amor de si* – egoísta – encontramos igualmente uma força que ameaça não apenas a boa coordenação interpessoal, quanto a coordenação interpessoal das emoções. A amizade é, com efeito, um sentimento que se constrói sob uma comunidade de juízo ou de gosto, que age como um princípio organizador. O sentimento amoroso, para se realizar numa relação amorosa mesmo pouco durável, deve ainda encontrar ou instaurar uma certa comunidade. Que elas se realizem ou permaneçam efêmeras, as relações amorosas não têm, finalmente, o efeito desestabilizador que tememos geralmente e que alguns esperam.

OS DIFERENTES NÍVEIS EMOCIONAIS DA AMIZADE E DO AMOR

O que está faltando na forma usual para representar o amor e a amizade, especialmente entre adolescentes, que ainda não desenvolveram uma experiência, não é apenas a coordenação emocional entre os parceiros, que somente pode se estabelecer durante um processo, mas também os muitos níveis emocionais nos quais podem se situar o amor e a amizade. Na

teoria contemporânea das emoções, há três principais níveis de emoções, de acordo com sua importância para a personalidade do indivíduo.

(1) Um nível de emoções espontâneas, reflexos, principalmente fisiológicos. São emoções específicas de uma complexidade limitada.

(2) Um nível de emoções que organizam o caráter de conjunto da pessoa como um todo e explicam os pontos de saliência desse caráter, sobre o qual o indivíduo volta sua atenção, tanto no sentido prático quanto teórico e ainda afetivo, e que influencia o primeiro nível. Este segundo nível é o de continuidade e coordenação complexa de um caráter.

(3) Um nível emocional que explica as principais mudanças de caráter, até mesmo de conversão do indivíduo, que estabelece uma nova continuidade do segundo nível. Enquanto, no primeiro nível, se situa, quanto à amizade, a amizade infantil, limitada, versátil, o amor interpessoal passa sempre pelo primeiro nível, o amor de Deus, amor pelo belo ou pela perfeição, que constituem senão exceções em aparência, pois estes amores precisamente visam a evitar cuidadosamente o primeiro nível, cuja força eles não desconhecem. Quem não teve, de maneira mais ou menos fugaz ou como um reflexo, inúmeros olhares de amor em sua vida, e imaginou o que seria uma intimidade que jamais teve a intenção de buscar? Às vezes, porém, seguimos esse sentimento espontâneo de amor, associando-o à perspectiva de um projeto, seja ele muito vago, seja indefinido, e este pensamento pode até imaginar uma mudança em sua vida emocional, situada no terceiro nível. Desse sentimento de amor resultará, finalmente, uma mudança emocional de terceiro nível, ou se dissolverá em uma simples emoção efêmera de primeiro nível? Talvez se mostrará, enfim, correspondente à estrutura emocional já estabelecida do segundo nível. Isso não será então uma relação amorosa que mudará uma vida, algumas vezes através de muitas aventuras dramáticas de dois personagens que, inicialmente, “não eram realmente feitos um para o outro”, mas um amor de dois seres que “se dão bem”. Quanto à amizade duradoura, ela pode igualmente pertencer tanto unicamente ao segundo nível quanto ao terceiro nível, depois ao segundo nível, mas, na idade adulta, não passa pelo primeiro nível.

CONCLUSÃO: ALGUNS ENSINAMENTOS DECISIVOS

Diante do exposto, eu não pretendo de modo algum sugerir que o indivíduo, e especialmente o adolescente, deva *planificar* a evolução do sentimento amoroso e de suas esperanças em direção ao segundo nível de uma relação amorosa estruturada, coação que mata naturalmente o amor que ela pretenderia perenizar. Eu prefiro sugerir os pontos seguintes.

(1) No curso deste perpétuo e constante processo de coordenação que são o amor e a amizade, *as razões para as quais começamos uma relação de amizade ou de amor podem muito fortemente não residir mais nas razões para as quais continuamos essa relação, e as mudanças carregam não somente a natureza da relação, mas também o caráter e o comportamento dos parceiros da relação.* Dessa realidade divergem grandemente tanto as obras de ficção – que se dedicam, em razão de seu gênero, a dar uma unidade a uma amizade e a um amor – como muitas teorias que se consagram a desenvolver uma tipologia, tal como *eros* e *ágape*, ou a indicar o que deveria ser o modelo consumado de amizade e de amor. Orientar-se somente segundo um modelo é voltar a rejeitar ao mesmo tempo as formas evolutivas e as formas imperfeitas, mas importantes, do amor e da amizade. Ora, se em Aristóteles a amizade da utilidade é menos perfeita que a amizade agradável, ela não permanece menos importante, como sublinha Neera Badhwar (2005), por exemplo. Da mesma forma, nem um amor efêmero nem um amor antigo e moderado são formas desprovidas de todo valor.

(2) Destacar que o amor, como a amizade, é em primeiro lugar uma *tentativa* ou uma experiência de coordenação emocional, cuja realização e continuação se pode somente constatar, mas não antecipar nem garantir. *A perda do amigo ou do ser amado não deve então ser considerada, salvo razão específica, como um fracasso* que não deveria ter lugar, por mais dolorosa que seja essa perda e por mais séria que seja a tentativa. Para considerá-la como um fracasso pessoal, seria necessário, com efeito, estabelecer que tal relação teria continuado e prosperado se o indivíduo não tivesse agido de uma maneira que ele pudesse evitar, e *deveria moralmente* querer evitar. Deixar de levar em conta que a perda da amizade ou do amor constitui um fracasso que não deveria jamais ter lugar *evita a emergência da questão do sentimento de culpabilidade*, de si mesmo ou de outrem, que com frequência conduz demasiadamente a querer prejudicar ao antigo amigo

ou ao antigo ser amado. Ora, com o sofrimento inevitável da perda advém um segundo perigo, e nos é concedida uma segunda vulnerabilidade, não negligenciável, que pode conduzir à hesitação ou à abstenção diante de possíveis relações futuras.

(3) *Mesmo que nos entreguemos de maneira sincera à amizade ou ao amor, temos que manter em segundo plano, sem nenhum projeto, a possibilidade de amar ou ser o amigo de outras pessoas, além daquelas de quem somos amigos ou com quem estamos nos laços do amor, no momento.* Isso não é contrário à fidelidade, mas atribui outro valor ao ser amado ou ao amigo para além de ser o único amigo ou o único ser amado possível ou, então, o de ser aquele a quem estamos tão ligados *somente por causa de outros ou por causa da dor da separação*, ou do que um economista chamaria de “custo de transação elevado”. Trata-se de continuar no caminho de um amor ou de uma amizade pelo *valor intrínseco* que nós lhe concedemos.

Ensinando essas coisas, como também as que são de outras emoções ou práticas sociais, tais como o mal, o perdão, a deliberação coletiva etc., tanto aos adolescentes quanto aos adultos, nós podemos não apenas poupá-los de experiências dolorosas, mas também abrir-lhes caminhos fecundos e felizes.

REFERÊNCIAS

- BADHWAR, Neera K. Amitié et sociétés commerciales. In: MERLE, Jean-Christophe; SCHUMACHER, Bernard (Ed.) *L'amitié*. Paris: Presses Universitaires de France, 2005. p. 183-208.
- BAIER, Annette. La perte d'amis. In: MERLE, Jean-Christophe; SCHUMACHER, Bernard (Ed.) *L'amitié*. Paris: Presses Universitaires de France, 2005. p. 137-152.
- BLANCHOT, Maurice. *L'amitié*. Paris: Gallimard, 1971.
- BRETON, André. *L'amour fou*. Paris: Gallimard, 1937.
- CICERO. *De Officiis*. Oxford : Oxford University Press, 1994.
- DERRIDA, Jacques. *Politiques de l'amitié*. Paris: Galilée, 1994.
- FEINBERG, Joel. *Harm to self*. Oxford: Oxford University Press, 1986.
- FOURIER, Charles. 1818: *Le nouveau monde amoureux*. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/classiques/fourier_charles/nouveau_monde_amoureux/nouveau_monde_amoureux.html>. Acesso em : 17 mar. 2012.

- FRANKFURT, Harry. *Necessity, volition, and love*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- FRANKFURT, Harry. *The reasons of love*. Princeton: Princeton University Press, 2004.
- GAUS, Detlef; UHLE, Reinhard. 'Liebe' oder 'Nähe' als Erziehungsmittel. In: MEYER, Christine; TETZER, Michael; RENSCH, Katharina (Ed.) *Liebe und Freundschaft in der Sozialpädagogik*. Wiesbaden: VS-Verlag, 2009. p. 23-44.
- HART, H. L. A. *The concept of law*. Oxford: Oxford University Press, 1961.
- KREBS, Angelika. 'Wie ein Bogenstrich, der aus zwei Saiten eine Stimme zieht'. Eine dialogische Philosophie der Liebe. *Deutsche Zeitschrift für Philosophie*, Berlin, v. 57, n. 5, p. 729-743, 2009.
- MEYER, Christine; TETZER, Michael; RENSCH, Katharina (Ed.) *Liebe und Freundschaft in der Sozialpädagogik*. Wiesbaden: VS-Verlag, 2009.
- MILL, John Stuart. *On liberty*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- MONTAIGNE, Michel de. *Essays*. Londres: Lightning Source, 2007.
- PLATÃO. *O banquete*. Belém: UFPA, 2011.
- PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido: no caminho de Swan*. Rio de Janeiro: Globo, 2006.
- RAWLS, John. *A theory of justice*. Cambridge: Harvard University Press, 1971.
- ROUGEMONT, Denis de. *L'amour et l'occident*. Edição definitiva. Paris: Plon, 1972.
- SCHELER, Max. *Wesen und Formen der Sympathie*. In: SCHELER, Max. *Gesammelte Werke*, Bd. 7. Ed. M.S. Frings, Bern: Francke, 1973.
- THIERSCH, Hans; THIERSCH, Renate. Beziehungen in der Erziehung – essayistische Bemerkungen. In: MEYER, Christine; TETZER, Michael; RENSCH, Katharina (Ed.) *Liebe und Freundschaft in der Sozialpädagogik*. Wiesbaden: VS-Verlag, 2009. p. 13-22.
- WILLIAMS, Bernard. *Moral luck*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.